

## PAYADA DO SAFENADO

Jayme Caetano Braun

Pede licença tropeiro  
Nada mais que um payador,  
Curandeiro e domador  
Do reduto missioneiro  
E além disso- curandeiro  
Da vivência campesina,  
Maestros da medicina  
Aqui nas pampas gaudérias  
Nós ensinamos matérias  
Que a cátedra não ensina.

Nessa vida de rigor  
A gente fica mais rude,  
Sem proteção á saúde,  
Nem remédio contra a dor;  
Ali não tem medidor  
Para pressão arterial;  
Ali não tem hospital,  
Nem sala de cirurgia,  
O galpão é a sacristia  
E o bloco ambulatorial.

Foi assim- desde o início,  
Da nossa gesta campeira,  
Quando fizemos fronteira  
No velho solo patricio  
Peleando- meio por vício  
No lombo da sesmaria;  
A canha era anestesia  
Fazendo pátria – a trompadas  
E aprendendo nas carneadas  
As noções de anatomia.

Verão – primavera- inverno  
Ali não faz diferença,  
Para curar qualquer doença  
Cada gaúcho é um interno  
Quem vive naquele inferno  
Não se ausenta nem se acanha  
Nas urgências de campanha  
É rápida a cirurgia  
Lá se estanca uma sangria  
Com terra e teia de aranha.

O braço, a perna quebrada,  
Todo e qualquer acidente,  
Se atende imediatamente,  
Sem anestesiá-la a indiana;  
Faca sempre bem afiada  
E a segurança na cura,  
Talho grande se costura  
Sem alteração nem teima  
E – quando um cristão se queima,  
Se mija na queimadura.

Remédios - não tem mistério  
Na zona do pastoreio,  
Aprendemos no rodeio,  
A lidar com caso sério,  
Naquele ambiente gaudério,  
De horizonte e campo nu,  
Qualquer domador xirú  
Da nossa velha planura,  
É mestre numa sutura  
Com tentos de couro cru.

Existem- claro excessões,  
Os magos das benzeduras  
Que – as vezes- realizam curas,  
Com jujos- com orações,  
Ao tratar de corações  
Não vão atrás de magias  
Ali o índio se arrepiá  
A não ser que seja louco  
Porque reza vale pouco  
Se o caso é cardiologia.

O mal-estar, a tonteira,  
Falta de ar- taquicardia,  
De vereda se alivia  
Dando um chá de laranjeira;  
De cidró- de erva cidreira,  
Temos um estoque farto;  
O tiro- a facada- o parto,  
Isso qualquer um medica,  
Mas a cousa se complica  
Com derrame- angina- infarto.

A morte não manda aviso  
E chega sempre certa,  
Não perde pulo, a traícoeira,  
No seu ataque preciso  
E – lembro neste improviso,  
Que até passei um vexame;  
Uma situação infame  
Que compreender não destingo,  
Uma vez matei um gringo  
Para o salvar de um derrame.

Pois o meu atendimento  
Veja só que mala sorte,  
Para salva-lo da morte  
Com sangria- no momento,  
O mandei – sem sacramento,  
Para a última viajada,  
Tenho a mão meio pesada,  
Se viu- depois do exame,  
E o gringo, em vez do derrame,  
Veio a morrer da facada.

Eu que ajo Poe instinto  
Talvez pelo atavismo,  
Nesse meu primitivismo  
Lá no meu interior sinto  
Que o coração é distinto,  
Isso qualquer um descobre;  
Coração é um órgão nobre,  
O músculo mais perfeito  
Que bate do mesmo jeito  
No rico como no pobre.

Ele é o relógio da vida  
Que, ao bater das pulsações,  
Marca nossas sensações  
Na estrada larga e comprida,  
Com duração definida  
É o que nós chamamos, sina,  
Mas que um dia se termina  
Por longe que o índio vá  
E, as vezes, a gente dá,  
O meu, eu dei pra uma china.

E, tive minha experiência,  
Depois que vim pra cidade,  
Causo sério, de verdade,  
Quase me rouba e existência,  
Com toda minha experiência  
De curandeiro primário,  
Um problema coronário  
Do filho da Bossoroca,  
Por pouco que não convoca  
Meu agente funerário.

Levado a um pronto socorro  
Ao qual tenho restrições  
E, que não tem condições,  
Nem de atender um cachorro,  
Não sei como que não morro,  
Maestros da medicina,  
Tenho provas que o incrimina  
E medica por palpite,  
Confundindo com gastrite,  
Um enfarto pós-angina.

Seis horas ali, penando,  
Trancado naquele brete,  
Com doses de tagamete  
Que eles iam me injetando,  
Compreendi, que ali ficando,  
Meu destino ia ser bruto,  
Me mandei pro instituto  
Do coração, e aqui estou,  
Mas amigos, se não vou,  
Deixava a china de luto.

Que lindo entender da lida  
Como esses homens entendem,  
É até milagre que emendem  
Uma linha já rompida,  
Fazendo voltar a vida  
A chama que se termina;  
Isso é Deus que determina,  
Só de lembrar me comovo  
E assim, eu nasci de novo,  
No efeito da eparina.

Nunca é bom esse namoro  
Da morte que nos acossa  
E nem milagre que possa  
Salvar o índio mais touro,  
Mas me livraram o couro,  
Como quem benze uma íngua,  
Já ia morrendo a míngua,  
O payador do Brasil,  
Isordil mais isordil  
Plantado embaixo da língua.

Depois o cateterismo,  
Uma espada na virilha  
Do payador Farroupilha  
Dentro do seu fatalismo,  
Em completo imobilismo,  
Preparado de antemão  
Vendo na televisão,  
Numa tela esbranquiçada  
Aquela cinta prateada  
No rumo do coração.

Vendo o estrago causado  
Por cada enfarto traçoieiro  
No coração missioneiro,  
Totalmente esburacado,  
Destruído e necrosado  
Dum jeito que dava pena  
Ali o índio se apequena  
Ande a fraqueza da vida  
E fui levado em seguida  
Para as pontes de safena.

Me serraram pelo meio,  
Ali no osso do peito,  
Não vi nada, mas suspeito,  
Porque me encontrava alheio  
Mas sei bem, já lô creio,  
Que a cautela não é pouca,  
A ciência, é uma coisa louca,  
E não sei por onde andei  
Até que enfim me acordei  
Com um tubo enfiado na boca.

Não é brinquedo, sou franco,  
Ouvia mas não falava,  
Vi um grupo que me cercava,  
Todo vestido de branco,

É pior que juro de banco,  
A sensação que senti,  
Me encontrava na UTÍ,  
Me dei conta no momento  
Meu primeiro pensamento  
Era me mandar dali.

Mas esse é um caso pessoal,  
Me perdoem o excesso,  
Se neste tema eu ingresso  
Sem ser um profissional,  
Mas é uma visão geral  
Do payador do rincão;  
Se o corpo humano é a nação,  
Com vida circulatória,  
Pra mim que conheço a história  
O Rio Grande é o coração.

Porque, desde que brotou,  
Foi ponto de referência,  
Controlador da frequência  
Do coração que pulsou  
Ventrículo que mandou  
O sangue puro filtrado  
Ao pulmão pátrio sagrado,  
Ligando veia e artéria,  
Guardiões da estirpe da Ibéria  
Do primeiro antepassado.

No passado foi assim  
Gravamos nos ditames  
Com ameaças de derrames  
E de enfartos que, por fim,  
Curamos neste fortim  
Onde crescemos peleando  
De sentinela guardando  
Como pastor e guerreiro  
O coração brasileiro  
Pra que seguisse pulsando.

Infelizmente hoje em dia  
Periga nosso estandarte,  
O perigo de um enfarte  
Em nossa soberania,  
Exige uma cirurgia  
Muito urgente, no instante,  
O nosso país gigante  
Minado de obstruções,  
Por um grupo de ladrões  
Está a pedir um transplante.

O sistema vascular  
Totalmente obstruído  
Cérebro comprometido  
Que já nem pode pensar,  
Sem comer, sem respirar,  
Quando vejo, me comovo,  
Precisa um coração novo,  
Aquele que a gente sonha

Que bata com mais vergonha  
E tenha respeito ao povo.

O que fazer deste doente  
Maestros eu vós pergunto  
No bárbaro contrapunto  
Do garrão do continente,  
Tendo em vista que o paciente  
Perdeu a soberania  
Já não tem democracia  
Mas a dúvida persiste,  
Será que o doente resiste  
Ao menos a anestesia?

Pra mim como curandeiro  
Dum rancho da redução  
Já cheguei a conclusão  
Que o problema brasileiro  
Não é falta de dinheiro  
Mas muito pelo contrário,  
É problema coronária  
A crise dos três Poderes  
Que esquecendo dos deveres  
Se fartaram de salários

A terra continentina  
Precisa nova confiança  
Contra o conchavo que avança  
Em nossa Pátria divina  
E o payador se ilumina  
No poder do pensamento,  
Imaginando um invento  
Que alcance logo sucesso  
E se consiga um congresso  
Que respeite o orçamento.

O povo é mesmo que tropa  
No rumo do matador,  
O eterno sofredor  
Que o próprio regime dopa,  
Carnaval, novela, copa,  
Minha alma se compadece  
E eu Amim se me parece  
Que uma grande lição fica  
Quanto mais se sacrifica  
Mais o meu povo empobrece.

Eu faço essa confissão  
Aqui da terra farrapa,  
Se me arrancarem do mapa  
Fica um buraco no chão  
Porque calcei o garrão  
Pra um tiro de volta e meia  
Não me assusta cara feia,  
Tampouco falta vergonha  
E duvido que alguém ponha  
Uma idéia na cadeia